



As veias abertas da Educação Matemática: cosmopercepções curriculares

PROBLEMAS DE GÊNERO NOS LIVROS DE MATEMÁTICA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA INTERPRETAÇÃO DE RESULTADOS DA ÚLTIMA DÉCADA

Antonia Thalia da Silva dos Santos

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

thalia_santos@ufms.br

<https://orcid.org/0009-0008-8740-1902>

Vanessa Franco Neto

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

vanessa.neto@ufms.br

<https://orcid.org/0000-0002-2129-8040>

Resumo:

O presente artigo parte do pressuposto de que ações em defesa da equidade de gênero e, também, da vida das mulheres, tão necessárias na atualidade, têm sido uma pauta onipresente em vários espaços do mundo ocidental, inclusive repercutindo na educação escolar e, como não podia deixar de ser, nos livros didáticos de matemática. Para tanto, nesta investigação são trazidos alguns resultados do campo da educação matemática sobre as temáticas de gênero para elucidar como o assunto vem sendo abordado nos últimos anos. Além disso, um livro do sexto ano do ensino fundamental é utilizado com objeto de análise para tentar descrever como o assunto vem sendo abordado mais recentemente. Os resultados apontam que a valorização social e cultura da mulher promovida, também, em livros didáticos de matemática traz consigo uma série de outras problemáticas enfrentadas não só por elas, mas por toda a sociedade contemporânea: os modos de vida (e de trabalho) orientados exclusivamente para atender as demandas de uma economia global capitalista.

Palavras-chave: Livro didático de matemática, Questões de gênero, Trabalho.

1. Introdução

As questões de gênero têm ocupado cada vez mais um espaço de discussão em diversos espaços democráticos na atualidade. Contudo, há uma inescapável disputa de narrativas acerca do assunto. É possível destacar, pelo menos, dois polos deste debate. De um lado, a pauta da equidade de gênero nos espaços institucionais e parte da sociedade, é defendida como condição inequívoca para os modos de vida na atualidade e a expectativa de desenvolvimento econômico e social. Em outro sentido, identificado especialmente em setores ligados a uma cosmopercepção alinhada com a extrema direita ocidental, parte da população vem encarando

Apoio:



os debates sobre gênero como um dos grandes equívocos da vida moderna e, muito provavelmente, como uma das principais causas dos males que assolam a humanidade recentemente. Sobre este último ponto, é impossível não mencionar diversos movimentos pelo Brasil, seguindo uma tendência internacional, de grupos organizados para discutir, divulgar e praticar misoginia¹. Esses grupos são compostos por homens jovens, em sua maioria, mas também contam com adultos. As instituições jurídicas brasileiras têm reagido a tais movimentos por meio das Leis denominadas “Maria da Penha” e “Lola”, tais dispositivos homenageiam duas mulheres vítimas da chamada violência de gênero no país². As mencionadas leis parecem ser essenciais para a garantia de espaços democráticos na sociedade brasileira, além de, muitas vezes, zelarem pela vida e integridade moral e física de mulheres.

A Educação Escolar no Brasil também vem tratando do assunto. Destaque para a data de 25 de setembro de 2024, na qual foi sancionada a lei 14.986/24 que alterava a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) para incluir a obrigatoriedade de abordagem dos conteúdos escolares, tanto nos ensinos fundamental como médio, também a partir de perspectivas femininas, destacando os papéis delas na construção dos conhecimentos escolares: “Art. 26-B. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados, é obrigatória a inclusão de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares”. Nota-se, portanto, todo um investimento que se propõe a proteger e dar protagonismo às personagens mulheres.

Ainda no país, a educação matemática tem participado desse debate. O mais proeminente e pioneiro trabalho na área, é uma discussão proposta por Fonseca e Souza (2010). Depois deste, alguns poucos trabalhos surgiram e a abordagem do tema se dava, quase sempre, convocando a participação feminina para o engajamento e produção em Ciência, Tecnologia e Engenharias (as chamadas áreas de STEM na sigla em inglês). Tal participação era defendida, principalmente, pela necessidade de incluir e dar visibilidade às contribuições de mulheres para as áreas STEM como uma forma de angariar mais jovens a usufruírem das possibilidades culturais, sociais e econômicas que o bom desempenho nessas áreas poderia, supostamente, oferecer (Neto & Valero, 2020). Mais recentemente, no ano de 2023, o primeiro número especial sobre questões de gênero, sexualidade e educação matemática em um periódico brasileiro foi lançado (Neto & Barros, 2023), no qual muitas investigações sobre os temas foram

¹ Sobre isso, é possível ter uma dimensão dos fatos ao acessar notícias como a do “Hitler da Bahia”: <https://iclnoticias.com.br/militar-suspeito-estupro-virtual-hitler-bahia/>

² Sobre as duas leis mencionadas, é possível acessar: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2023/03/08/maria-da-penha-e-lola-leis-batizadas-a-partir-de-mulheres-combatem-crimes-dentro-e-fora-da-internet.ghtml>

apresentados, problematizando muitas das experiências e práticas em educação matemática a partir de perspectivas de gênero.

Diante deste cenário, o presente artigo indaga sobre como as questões de gênero vêm ocupando espaço nos currículos de matemática escolar na última década. Para isso, fará uso de resultados de pesquisa que abordaram a temática de gênero nos últimos anos e, num exercício de mostrar a quanto caminha a temática. Importante destacar que ainda não foi possível encontrar resultados evidentes da lei 14.986/24, mas este artigo se debruça sobre livros didáticos de matemática, dado que no último edital do Programa Nacional do Livro Didático para os anos finais do Ensino Fundamental, o PNLD 2024, já constava o seguinte critério eliminatório:

e. Promover positivamente a imagem da mulher, considerando sua participação em diferentes trabalhos, profissões e espaços de poder, valorizando sua visibilidade e protagonismo social, com especial atenção para o compromisso educacional com a agenda da não-violência contra a mulher; (Brasil, 2022, p. 37)

No Brasil, como observa-se, os livros didáticos de matemática, não escapam aos mencionados movimentos institucionais. Desse modo, eles serão os objetos aqui analisados.

2. Referencial teórico-metodológico

As teorizações utilizadas calibram o olhar que pousa sobre os objetos analisados, conduzindo um caminhar metodológico, resultando numa leitura que só poderia ser feita quando ambos os aspectos – teórico e metodológico – se combinam, se alinham, se produzem e são postos em movimento. Neste sentido, o presente artigo procura compor uma interpretação acerca das questões de gênero que emergem em algumas pesquisas da educação matemática sobre o tema e em livros didáticos de matemática.

Toma-se a noção de caixa de ferramentas – descrita pelo filósofo Michel Foucault acerca de sua obra – para posicionar os dados, (re)construí-los e (re)posicioná-los em cortejo aos estudos foucaultianos sobre problematização.

Compreende-se que problematizar, trata do exercício de posicionar o objeto em estudo a uma observação estranhada, conduzida pela indagação, num ininterrupto esforço para que não sejam replicados - simplesmente - juízos de valor e, simultaneamente, descrevendo e analisando efeitos discursivos que operam sobre o objeto, que acabam por elaborar e replicar, num exercício ininterrupto, histórica e politicamente contingente, classificando o que vem se constituindo enquanto verdadeiro ou enquanto falso, das noções acerca do certo e do errado, do que vem sendo tratado como legítimo ou como fajuto e, porque não, do que vem sendo entendido como (do) feminino ou como (do) masculino.

Em suma, o argumento é baseado no fato de que não há uma formatação ética, moral, cultural e política compulsória descrita nos livros didáticos de matemática; há sim uma relação positiva no sentido de que produz noções tidas como adequadas ou corretas, ao mesmo tempo em que sinaliza e destaca comportamentos e condutas que devem ser evitados. Com base em noções foucaultianas sobre poder na contemporaneidade, mais do que uma força que cerceia, interpreta-se que as noções acerca de ser uma mulher circulam no livro didático de modo a permitir um entendimento por parte de estudantes tanto sobre a naturalidade em relação a uma identidade forjada, quanto da potencialidade de suas ações, bem como do que destes se espera, suas obrigações, tanto para hoje como no futuro para serem trabalhadoras.

Na materialização dessas noções, a produção foucaultiana se mostra extremamente profícua para desenvolver as questões que mobilizam a presente investigação: “foi com base em Foucault que se pôde compreender a escola como uma eficiente dobradiça capaz de articular os poderes que aí circulam com os saberes que a enformam e aí se ensinam, sejam eles pedagógicos ou não” (Veiga-Neto, 2003, p. 15), e o livro didático, como instrumento onipresente no contexto escolar, tem um papel chave nessa compreensão aqui assumida para viabilizar esse efeito “dobradiça”, em consonância com o destacado por Veiga-Neto.

Nesse sentido, como artefato do currículo escolar, o livro didático é parte de um cenário bem controlado (regido pelas normas e critérios do edital do PNLD, por exemplo) em que as relações de forças se dão para que a formação desejada, para um determinado tempo e um determinado espaço, esteja acessível e inteligível, sem que isso seja entendido como um processo compulsório e arbitrário. Sendo assim, o uso de desenhos coloridos, imagens chamativas, fotos de mulheres em espaços de poder, personagens, o cenário alegre e convidativo são entendidos como artifícios estratégicos que visam capturar tanto a atenção como a simpatia, identificação e projeção do público ao qual o material se destina, agindo como dispositivo pedagógico (Friedrich, 2010) no sentido de funcionar a partir de regras particulares e determinados regimes de verdade que se dedicam a estabelecer o que é real e o que não é, replicando e forjando um conjunto de valores, conhecimentos e práticas por meio da educação. Literalmente, o autor define que o dispositivo pedagógico opera “(...) como parte do regime da verdade que dita o que é real e o que não é, o que é verdadeiro e o que é falso, no processo de transmissão intencional de conjuntos de valores, conhecimentos e comportamentos entre sujeitos que é chamado educação” (p. 661). Serão traçados, portanto, os modos como estes dispositivos pedagógicos emergem das análises empreendidas nos materiais analisados e constituem a noção sobre gênero empreendida na educação matemática.

3. Resultados e discussão

Em Neto e Guida (2020), uma análise conduzida sobre livros de matemática dos anos iniciais do Ensino Fundamental produzidos para a educação do campo no Brasil, na qual as imagens e atividades presentes nestes materiais foram os objetos investigados, revelou práticas e condutas que constituíam o que as autoras chamaram de “sujeito-mãe”, por meio de representações discursivas voltadas a corpos que performavam o gênero feminino. As autoras ainda expuseram a elaboração de um currículo de matemática, que no contexto investigado, consolidava narrativas bem desenhadas, utilizando os conteúdos de matemática escolar para reproduzir valores e moralidades que moldavam os modos de ser e agir de corpos identificados e percebidos como femininos. Muitos estereótipos de gênero que marcam o corpo compreendido como feminino, foram observados nos materiais analisados e as autoras concluíram que “[...] aprender matemática também possibilita portar ferramentas que não só potencializam como possibilitam a execução das práticas que compõem o sujeito-mãe. O conhecimento matemático é fundamental para o corpo feminino operar como justo, eficiente, organizado e normal” (p. 20). Nesta pesquisa, as imagens foram elementos de análise bastante significativos, visto que o público para qual se destinavam os materiais analisados estavam em processo de alfabetização. A noção de dispositivo pedagógico, proposta por Friedrich (2010), também foi movimentada nesta pesquisa.

Em outra investigação, dessa vez comparando materiais do Brasil e dos Estados Unidos produzidos para o sexto ano do Ensino Fundamental do país tupiniquim e equivalente em terras estadunidenses, Neto e Pinheiro (2021), identificam uma marcante estereotipação de gênero nos livros investigados. O livro do Brasil analisado foi, até o ano de 2018, um dos mais distribuídos pelo PNLD em todo o território nacional. Os autores concluíram que nos materiais, “[...] meninos/homens representados nesses livros didáticos ainda carregam as ideias de uma sociedade performativa patriarcal na qual os homens estão fortemente relacionados às ideias de poder, enquanto as mulheres são deixadas em segundo plano e são vistas como ‘o ser de suporte’” (p. 17). Particularmente, o livro brasileiro apresentava uma divisão sexual do trabalho que posicionava as meninas e mulheres exercendo atividades de menor impacto econômico e reconhecimento social. O conhecimento matemático requisitado delas, estava recorrentemente associado a práticas de cuidado, gestão do lar e estéticas, endossando a interpretação de Neto e Guida (2020) acerca da produção do sujeito-mãe.

Os resultados de pesquisa elencados até o momento, foram elaborados sobre materiais produzidos entre os anos de 2013 e 2018, permitindo que aqui se faça uma sugestão de que as

conclusões possam ser anacrônicas em relação ao que tem sido pautado sobre os estudos de gênero mais recentemente. Será isso mesmo?

Neste artigo, serão analisados de que modos as questões de gênero vêm sendo abordadas em um material didático de matemática do sexto ano do ensino fundamental. O livro em questão é parte de uma obra de autoria coletiva e foi aprovado pelo edital do PNLD de 2024, documento já mencionado na introdução deste texto.

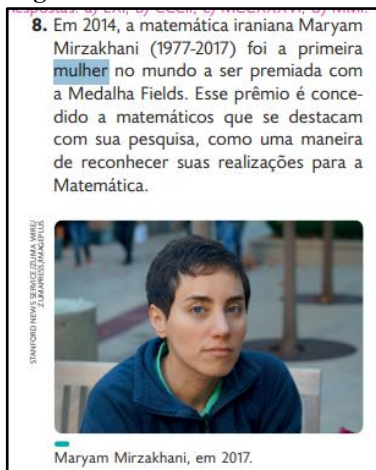
Em Superação! (2022), no Manual do professor aparece expressa a abordagem que será dada para a questão das mulheres a partir do Tema Contemporâneo Transversal “Vida familiar e social Macroárea: cidadania e civismo”, onde se lê:

Esse tema visa desenvolver a tolerância e o respeito às diferentes formações familiares. Busca também levar os estudantes a compreender o papel das mulheres nas famílias ao longo do tempo com relação às transformações, às permanências e à desconstrução de preconceitos e compreender as complexidades dentro da família e em seu convívio social. (p. XIV Grifo nosso)

Ou seja, esse tema não parece centrar no papel da mulher no mundo do trabalho, mas em como as posições que vêm ocupando ao longo do tempo no âmbito familiar ou privado, têm tido repercussões nas sociedades em que vivem. Na verdade, além dessa menção na parte do livro exclusiva a orientações para docentes, não há nada mais sobre o assunto ao longo do livro. Mesmo quando no corpo do material, tal tema é citado novamente, não foi possível identificar a abordagem em relação a questão das mulheres, tal como anunciado no excerto anterior. Fica a indagação, portanto, se nos outros livros da coleção o excerto encontra repercussão acerca da questão mencionada sobre as mulheres. Contudo, reitera-se, neste artigo, só será analisado o material do sexto ano.

Uma busca ao longo do livro, mostra que as menções às mulheres são relativas ao mundo do trabalho, especialmente a carreiras com considerável prestígio social e financeiro na atualidade. Elas são descritas planejando viagens, como empresárias, estudantes de áreas como informática, atletas de alta performance, colecionadora de histórias em quadrinho japonesas e ganhadoras de prêmios importantes na área de matemática, como pode ser observado nas figuras 1 e 2 a seguir:

Figura 1 – Medalha Fields



Fonte: Superação!, p. 17

Figura 2 – Jogos Olímpicos

Adição

Os Jogos Olímpicos são competições poliesportivas que ocorrem de 4 em 4 anos desde 1896. Nesses jogos, participam atletas de vários países. Na edição de 2012, o Brasil conquistou 17 medalhas, na edição de 2016, 19 medalhas e na edição de 2020, que ocorreu em 2021, 21 medalhas.

Polesportivo: que envolve várias práticas esportivas.

Questão 1. Professor, professora: Espera-se que os estudantes respondam adição.

Questão 1. Que cálculo você faria para obter o total de medalhas conquistadas pelo Brasil nas edições de 2012, 2016 e 2020?

Para obter o total de medalhas conquistadas pelo Brasil nessas edições, adicionamos as quantidades de medalhas conquistadas em cada uma delas.

$$17 + 19 + 21 = 57 \quad \text{ou} \quad \begin{array}{r} 17 \\ 19 \\ + 21 \\ \hline 57 \end{array} \begin{array}{l} \text{parcelas} \\ \text{soma} \end{array}$$

Portanto, o Brasil conquistou, ao todo, 57 medalhas nessas três edições.

Ana Marcela Cunha recebendo a medalha de ouro, na prova dos 10 km da maratona aquática, nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2021.

Fonte: Superação!, p. 32

Um item que saltou aos olhos foi que em vários momentos as instruções para docentes procuram usar uma linguagem mais inclusiva em termos de gênero. Note-se na figura 2, por exemplo, quando a orientação para a “Questão 1”, que aparece em cor-de-rosa, chama a atenção docente usando “Professor, professora [...]”. Foi possível constatar que esta é uma prática adotada em boa parte das sugestões didáticas presentes no livro.

Apesar dessas evidências listadas, é fato que ainda há personagens mulheres que executam tarefas ligadas aos cuidados, ou seja, ainda há a presença do sujeito-mãe (Neto e Guida, 2020) neste texto. No entanto, salta aos olhos que muitas vezes essas personagens, ao invés de preparem determinado alimento para compartilharem com suas famílias ou colegas, atividade recorrente em trabalhos anteriormente mencionados (Neto e Pinheiro, 2021; Neto e Silva, 2021), neste livro mais atual, é notável que elas estejam preparando pratos para vender (Figura 3), ou mesmo comprando-os, ao invés de cozinhá-los/prepara-los (Figura 4).

Figura 3 – Venda de bombons

Divisores

Bianca fez 16 bombons para vender. Ela pode embalar esses bombons de diferentes maneiras, de modo que todas as embalagens fiquem completas, com a mesma quantidade de bombons, e nenhum bombom fique sem ser embalado.

- Embalar cada bombom separadamente.
- Embalar em caixas em que caibam 2 bombons em cada uma.

$16 : 1 = 16$

Serão necessárias 16 embalagens para embalar todos os bombons.

$16 : 2 = 8$

Nesse caso, serão necessárias 8 caixas para embalar todos os bombons.

Fonte: Superação!, p. 74

Figura 4 - Compra de bolo

Frações com denominadores diferentes

Valquíria e Gabriela compraram um bolo e o dividiram em 12 partes iguais. Valquíria comeu $\frac{1}{4}$ do bolo e Gabriela, $\frac{1}{3}$.

Fonte: Superação!, p. 124

Em outra atividade, aparece a orientação para que docentes aproveitem a oportunidade de um exercício sobre a participação das mulheres no mercado de trabalho para discutir os desafios enfrentados por elas neste espaço:

A atividade 61 contextualiza a quantidade de funcionários homens e mulheres em uma empresa, abordando o tema contemporâneo transversal Trabalho. Aproveite essa temática para explicar aos estudantes que, embora a quantidade de mulheres no mercado de trabalho tenha aumentado nos últimos anos, ainda há muito a ser feito para concretizar seus direitos, como garantir a mesma faixa salarial recebida pelos funcionários masculinos. (Superação!, 2022, p. 122)

Ou seja, há uma orientação específica para a problematização das condições de participação da mulher em espaços laborais socialmente valorizados, além de haver orientações explícitas quanto a necessidade de abordar as implicações sociais e econômicas da desigualdade de gênero, tal como no excerto anterior. Entretanto, os estereótipos seguem presentes, como na figura 5 a seguir:

Figura 5³- Mulher comprando



Fonte: Superação! p.36

A personagem mulher, fazendo compras de itens de vestuário e tudo cor-de-rosa. Todas as figuras apresentadas constroem uma narrativa que parece indicar às meninas que se identifiquem com as expectativas em relação a como devem agir no mundo, ocupar espaços de destaque, poder, liderança e alta performance, participar ativamente de práticas econômicas e comerciais, aprender matemática, sem, no entanto, que se afastem de supostas marcas que a elas garantiriam o exercício de sua feminilidade: o consumo de itens de calçado e vestuário,

³ A figura 5 foi dividida em duas partes para ocupar um espaço adequado na página deste artigo, visto que o original ocupava uma coluna inteira do livro didático analisado.

além da cor amplamente associada ao uso exclusivo de meninas. Portanto, o dispositivo pedagógico (Friedrich, 2010) acessa os sujeitos por meio de práticas sociais e organiza narrativas que endereçam modos de vida na sociedade que são positivos, ou seja, que geram repercussões e resultados na vida cotidiana imediata. Tudo isso, valendo-se de conteúdos matemáticos que justificam e ratificam os usos e funções atribuídas às vidas e aos corpos femininos. O uso das personagens ocupando espaços social, cultural, histórica, política e economicamente valorizados, são entendidos como artifícios estratégicos que visam capturar tanto a atenção como a simpatia do público ao qual o material se destina, a fim de funcionar sobre regras particulares e determinados regimes de verdade que se dedicam a estabelecer o que é real e o que não é, o que é desejado e o que não é, replicando e forjando um conjunto de valores, conhecimentos e práticas por meio da educação ou, mais especificamente, por meio da matemática escolar.

Além disso, é importante que essas meninas saibam matemática e participem da produção deste conhecimento, conforme defendido por Neto (2024). A autora argumenta que a chamada ao engajamento de meninas e mulheres às áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharias e Matemática (STEM, na sigla em Inglês), faz parte de uma demanda ocidental para a construção e consolidação de um excedente de mão de obra altamente qualificado para funções que parecem atrair menos do que seria necessário em determinados setores da economia. Apesar de profissões ligadas a áreas de STEM, aparentemente, remunerarem bem, elas não têm atraído especialmente meninas e mulheres ao longo da história. Muito tem-se trabalhado e investido para compreender este fenômeno e, mais ainda, para solucioná-lo. O livro didático aqui analisado parece contemplar tal movimento que tem sido observado em várias partes do mundo ocidental. Com o adicional de não deixar de usar as práticas – supostamente – femininas, mas sempre atraindo a atenção de meninas do sexto ano do ensino fundamental para o quanto as práticas de poder e consumo são centrais para uma vida vivível. Ao fim, mais do que reparação histórica da descrição de mulheres para além de posições secundárias no mundo do trabalho, o que conclui-se é que o material didático funciona aqui para a construção de subjetividades que têm como alvo meninas para agirem com desenvoltura na produção de resultados para o mundo capitalista.

4. Considerações finais

Ao final deste artigo é possível concluir que mesmo tendo inegáveis avanços para a vida das mulheres no mundo ocidental, desde uma série de leis que visam proteger a vida e a dignidade delas, até todo um movimento com repercussões em diversos setores da sociedade

que visam promover a equidade de gênero, os desafios ainda não foram de todo superados, pelo contrário, parece mesmo que eles foram atualizados e modernizados.

Quando se pensa no movimento de equidade de gênero como uma prática de justiça social, o que espera é que as ações neste sentido encontrem razão de ser num tipo de reparação histórica às meninas e mulheres de todo o mundo. O que se tem observado, no entanto, é que muitas vezes estas ações têm sido movidas por necessidades do mundo do trabalho, amalgamadas a demandas econômicas liberais, que se travestem de benevolências para imprimir uma agenda biopolítica, nos termos foucaultianos, em que a vida é conduzida para a produção ininterrupta.

A tentativa de promoção de equidade de gênero é importantíssima para a sociedade, bem como a defesa vigilante e permanente das atividades, possibilidades e vidas das mulheres, afinal, como exposto inicialmente, seus corpos estão sob ataque incessantemente. Todavia, o que se tem constatado é que as práticas de proteção e apoio passam muito mais por encontrar formas mais sutis e eficientes de fazer uso destes corpos para atender aos interesses no sistema econômico vigente. Há ainda muito o que fazer pela vida das mulheres. Contudo, parece que não só elas têm sido vítimas das demandas do mundo contemporâneo.

Referências

BRASI. Edital de Convocação 01/2022 – CGPLI. Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas, literárias e recursos educacionais digitais para o — programa nacional do livro e do material didático PNLD 2024-2027 Brasília, 28 de março de 2022.

FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis; SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de. **Relações de gênero, Educação Matemática e discurso**: enunciados sobre mulheres, homens e matemática. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

FRIEDRICH, D. Historical consciousness as a pedagogical device in the production of the responsible citizen. **Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education**, 31:5, 649-663, 2010.

NETO, Vanessa. F.; GUIDA, Ângela. M. A constituição do Sujeito-Mãe nos livros didáticos de matemática da Educação do Campo. **Educação**, 25 set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/38457>.

NETO, Vanessa. F.; VALERO, Paola. A (in)equidade de gênero em educação matemática: pesquisando as pesquisas. In H. J. L. Gonçalves (Ed.), **Educação Matemática e Diversidade(s)** (pp. 195–213). Editora Fi, 2020.

NETO, Vanessa F.; PINHEIRO, Weverton A. Análise Comparativa entre Brasil e os Estados Unidos: O Problema de Gênero em Livros Didáticos de Matemática. **Revista de Investigação e Divulgação em Educação Matemática**, [S. l.], v. 5, n. 1, 2021.

NETO, Vanessa. F.; DA SILVA, Marcio. A. Gender as a problem in maths textbooks: A practical handbook on how to be a girl/woman. **Acta Scientiae**, v. 23, n. 8, p. 191–221, 2021.

NETO, Vanessa F., Neto; BARROS, Renata. A. Editorial. **Boletim GEPEM**, v. 83, p. 1–4, 2023.

NETO, Vanessa. F. Garotas só querem somar. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 17, n. 47, p. 1-19, 4 nov. 2024.

SUPERAÇÃO! Matemática: 6º ano. Manual do Professora. Organizadora Editora Moderna; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Modernas. Editora responsável Lilian Aparecida Teixeira. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2022.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação.** Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

